

Tuberculose: Tabela 1.

PREVALÊNCIA DA INFECÇÃO TUBERCULOSA EM ESCOLARES DA 1ª. SÉRIE PRIMÁRIA NAS CAPITAIS DOS ESTADOS, TERRITÓRIOS E NO DISTRITO FEDERAL E RESPECTIVAS MÉDIAS, INCLUSIVE NAS REGIÕES FISIOMORFOLÓGICAS. - BRASIL - 1970 - 1973

REGIÕES	UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PREVALÊNCIA DA INFECÇÃO TUBERCULOSA (Percentual de Reatores-Fortes: 10mm e +)					
		ANOS (+)				MÉDIA 1970/73	PREVALÊNCIA NAS REGIÕES 1970/73
		1970	1971	1972	1973		
Norte	P.Velho - RO				9.1	9.1	Max: 27.2 Méd: 16.9 Min: 6.1
	R.Branco - AC				8.9	8.9	
	Manaus - AM	17.5	19.0	19.5		18.9	
	B.Vista - RR						
	Belém - PA	26.5	25.9	27.2	6.1	26.5	
Macapá - AP			9.2		7.7		
Nordeste	S.Luiz - MA				13.4	13.4	Max: 20.5 Méd: 14.2 Min: 8.6
	Teresina - PI		14.4	16.4		15.4	
	Fortaleza - CE	17.0	16.1	15.8		16.3	
	Natal - RN		10.8	13.0		11.9	
	J.Pessoa - PB	12.8	14.2	17.5	15.2	14.9	
	Recife - PE	13.5	13.6			13.5	
	Maceió - AL						
	F.Noronha - FN						
	Aracajú - SE		9.8		8.6	9.2	
Salvador - BA		20.5			20.5		
Sudeste	B.Horizonte - MG				8.4	8.4	Max: 10.5 Méd: 8.3 Min: 6.6
	Vitória - ES				10.5	10.5	
	Niterói - RJ			10.5		10.5	
	R.Janeiro - GB						
	S.Paulo - SP	7.0	6.6	7.6	7.3	7.1	
Sul	Curitiba - PR	7.1	6.4			6.7	Max: 11.1 Méd: 6.7 Min: 2.3
	Florianópolis - SC			2.3		2.3	
	P.Alegre - RS			11.1		11.1	
Centro-Oeste	Cuiabá - MT		9.7			9.7	Max: 9.7 Méd: 7.9 Min: 5.6
	Goiânia - GO			5.6		5.6	
	Brasília - DF		8.5			8.5	
TOTAL		-	-	-	-	12.8	Max: 27.2 Méd: 12.8 Min: 2.3

(+) Anos em que foram realizados os levantamentos Coordenação Geral da Prevalência da Infecção Tuberculosa no Brasil.

Tuberculose: Tabela 2.

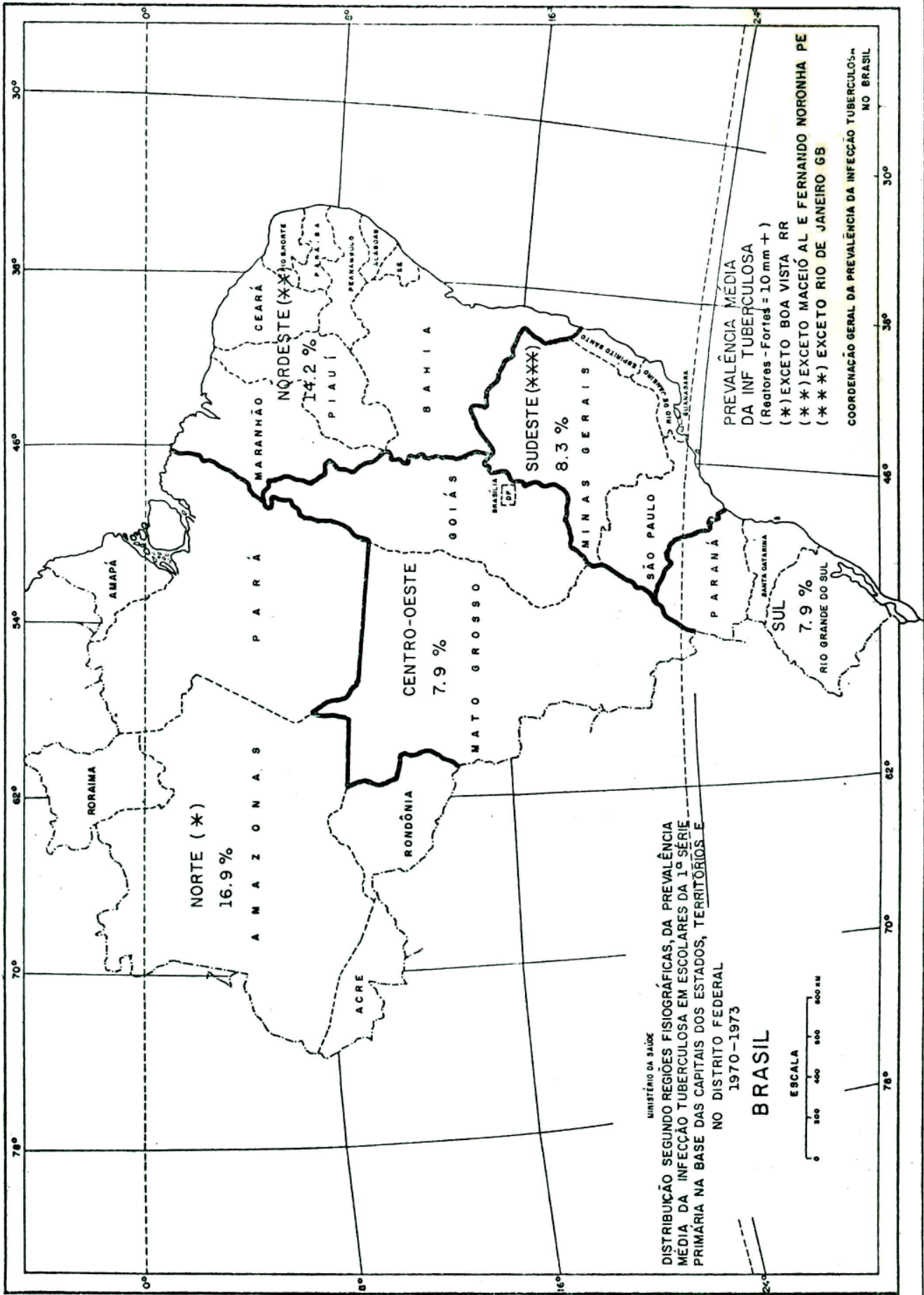
SITUAÇÃO EPIDEMIOLÓGICA DO BRASIL POR REGIÃO FISIOMORFOLÓGICA - 1974

REGIÕES	RISCO ANUAL DE INFECÇÃO %	COEF. P/ 100.000 MORBIDADE		NÚMEROS BRUTOS	
		INCIDÊNCIA	PREVALÊNCIA	INCIDÊNCIA	PREVALÊNCIA
Norte	2.5	150.0	450.0	6.500	19.500
Nordeste	2.0	120.0	360.0	38.500	115.500
Sudeste	1.5	90.0	270.0	40.000	120.000
Sul	1.0	60.0	180.0	10.000	30.000
Centro-Oeste	1.0	60.0	180.0	5.000	15.000
TOTAL				100.000	300.000

DIVISÃO NACIONAL DE TUBERCULOSE  
 CONTROLE DA TUBERCULOSE  
 AVALIAÇÃO DA EXECUÇÃO FÍSICA  
 BRASIL  
 1976

ATIVIDADES	UNIDADE DE MEDIDA	NO PERÍODO		PROPORÇÃO REALIZADA %
		PREVISTO	REALIZADO	
Complementação da vacinação BCG intradérmica indiscriminada.	dose	8.276.809	6.560.915	79.3
Bacterioscopia do escarro.	exame	1.211.932	559.829	45.8
Complementação do tratamento dos novos casos em unidades da Secretaria de Saúde e outras instituições.	tuberculoso tratado.	60.011	54.180	90.28
Altas por cura	paciente curado	57.923	35.539	61.3
Treinamento de pessoal	treinado			
1. Nível superior		1.000	597	59,70
2. Pessoal auxiliar		1.597	919	57,50
T o t a l		2.597	1.516	58,4

Mapa: 1.



## HANSENÍASE

### 1. PROBLEMÁTICA

No país, área de alta endemicidade, há cerca de 145.000 doentes em registro ativo, com uma correspondente taxa de prevalência de 1,3 doentes por mil habitantes.

Cinquenta e cinco por cento desses doentes são de formas clínicas contagiantes: virchowianos e dimorfos. Os demais, não contagiantes, são doentes tuberculoides (20%) e indeterminados (25%).

Em 1976 foram registrados 9.341 casos novos, com a respectiva taxa de incidência de 8,5 doentes por 100.000 habitantes. Na prática, é registrado um caso novo por hora.

### 2. DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

A endemia hansênica se distribue irregularmente por todo o Território Nacional:

<u>COORDENADORIA DE SAÚDE</u>	<u>Nº DE DOENTES</u>	<u>PREVALÊNCIA/MIL</u>
Amazônia	22.216	2,9
Nordeste	8.877	0,3
Sudeste	81.209	1,7
Sul	19.308	0,9
Centro-Oeste	13.519	1,9
BRASIL	145.129	1,3

Quanto às Unidades Federativas, a variação da taxa de prevalência é a seguinte:

- baixa endemicidade (abaixo de 0,2 por mil):  
4 UF (RN, PB, AL, BA);

- média endemidade (de 0,2 a 1 por mil): 7 UF (RR, PI, CE, PE, SE, SC, RS);
- alta endemidade (acima de 1 por mil): 14 UF (AC, AM, PA, AP, MA, MG, ES, RJ, SP, PR, RO, MT, GO, DF).

### 3. ESTRATÉGIA E METODOLOGIA

Incorporar à rotina das Unidades de Saúde locais, a procura de casos de hanseníase, visando ao diagnóstico precoce da doença.

Tratar os doentes em regime ambulatorial a fim de impedir a evolução dos casos iniciais e negativar os casos contagiantes, interrompendo a cadeia de transmissão da doença.

Prevenir e tratar, por técnicas simples, as incapacidades físicas.

### 4. SITUAÇÃO ATUAL

Em 1975, segundo as Coordenadorias de Saúde os percentuais de controle de doentes e de vigilância de contatos de doentes virchowianos e dimorfos, assim se apresentavam:

<u>COORDENADORIAS DE SAÚDE</u>	<u>DOENTES % DE CONTROLE</u>	<u>CONTATOS DE V e D<sup>+</sup> % DE VIGILÂNCIA</u>
Amazônia	76,7	53,5
Nordeste	62,3	46,8
Sudeste	79,2	31,9
Sul	75,6	65,2
Centro-Oeste	37,8	6,9
BRASIL	73,3	38,6

+ Virchowianos e diomorfos

## 5. PERSPECTIVAS

A taxa de prevalência de hanseníase no país tem se mantido praticamente inalterável (1,3 doentes por mil habitantes), nos últimos 15 anos. Entretanto, no quinquênio 1971/75 a taxa de crescimento de casos foi de 5 vezes mais elevada que a taxa de crescimento da população geral, expressão de maior procura ativa de casos.

Se perdurarem as mesmas condições e ritmo de trabalho observados no último quinquênio, poder-se-á esperar a elevação da taxa de prevalência.

O aumento do percentual de diagnósticos de formas clínicas iniciais da doença, que também vem sendo observado poderá facilitar, a longo prazo, o controle da endemia.

